ATAS DO I ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS - ANPOLL

ATAS
TOMO I

ATAS DO I ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS - ANPOLL

ATAS
TOMO II

ATAS DO I ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOLL

Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras

Fonologia, gramática e história.

ATAS
TOMO II

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Uma escola na aldeia – os Parkatêjê assumem o trabalho

Leopoldina Araújo (Universidade Federal do Pará / SEDUC-PA)

1. QUEM SÃO E ONDE ESTÃO OS PARKATÊJÊ

A Comunidade Indígena Parkatêjê, que vive na Terra Indígena Mãe Maria,[1] cedida aos "Gavião" em 1943 pelo governo do Pará[2], situada parcialmente no município de Bom Jesus do Tocantins é formada por remanescentes de três diferentes grupos resultantes da divisão de um grupo indígena, no fim do século XIX/início do XX: os kỳikatêjê (também chamados na aldeia de "maranhão", aludindo ao local onde se localizaram após as brigas internas), os akrãtikatêjê (gupo da montanha, ou de Tucuruí) e os parkatêjê propriamente ditos (grupo do Cocal, ARNAUD, 1975).

Encontramos indicação do território ocupado por esses índios em alguns textos que descrevem a região no início do século. "Toda a margem direita do rio Tocantins, desde abaixo da Cachoeira Itaboca, até os limites do Estado do Maranhão, abrangendo uma área nunca inferior a 80 léguas quadradas." Moura refere, ainda, a tentativa de contato feita por esses índios, em 1895, na boca do Tauary, "secção compreendida entre o Murixizal e a Praia Alta" (op.cit.: 214). Paternostro (1945:135-6), diz estar esse povo "nas vizinhanças da confluência Araguaia-Tocantins" com cerca de 500 pessoas e refere a uma carta do Governador do Maranhão, Paulo José da Silva Gama, que permite supor tenha se dado o contato dos gaviões com os brancos, no Maranhão, por volta de 1817. Em sua dissertação de mestrado, Iara Ferraz apresenta um mapa do território de perambulação tradicional desse povo e assinala a atual área da reserva.

Em 1974 havia duas aldeias nessa área, à época chamadas "Ladeira Vermelha" e "Trinta", onde moravam respectivamente o grupo do Maranhão, para ali trazido em 1970, e Krôhôkrenhum e sua turma, para ali trazido em 1966. Em ambas aldeias havia em torno de 50 pessoas. Na aldeia de Krôhôkrenhũm a língua portuguesa já era bastante usada, embora as crianças de cerca de 10 anos falassem ainda correntemente a língua dos pais — eles me disseram que, certos de que estavam acabando, já não punham nome indígena nas crianças — na Ladeira Vermelha todos eram

[1] Limitada pelos igarapés Flecheiras e Jacundá, afluentes da margem direita do curso médio do rio Tocantins (CEDI, Povos indígenas do Brasil, nº 8, 1985)
[2] Decreto-lei 4.503 de 28/12/1943

monolíngües, apenas o chefe colocado pela FUNAI, Kinare, falava português e entrava em contato com o mundo exterior.

Em 1975, conduzido pela antropóloga Iara Ferraz teve início um Projeto de Auto-gestão, que permitiu aos gavião administrarem a venda da castanha, até então em mãos da FUNAI. Eles ficaram felizes e — depois de tanto tempo sem realizar suas celebrações — fizeram a festa do Hàk (Gavião), que é uma das metades rituais (a outra é Pan — Arara).

No início da década de 1980, como indenização pela passagem das Torres de energia elétrica de Tucuruí sobre o local da aldeia (marginando a rodovia) foi construída uma aldeia redonda como as tradicionais, mas em alvenaria, a cerca de um Km da rodovia, no lado oposto ao da aldeia. (Agora, sob as torres, está localizado o cemitério). Krôhõkrenhum resolveu chamar os maranhão para se juntarem aos do Trinta, o que permitiria reforçar os antigos costumes, recomeçar a realização dos ciclos rituais. Assim foi feito e finalmente até 1983 os restantes de Tucuruí tiveram de se mudar para lá, devido à inundação de suas terras.

Desde o primeiro semestre do corrente ano, se dá mais uma vez a divisão de duas aldeias, dentro da Terra da comunidade. Esta segunda aldeia está sendo erguida no Km 25, onde já funcionava a "granja", um Projeto de criação de frangos, que a Associação Indígena Amjiptàr Kaxuwa ali desenvolvia, dando trabalho e remuneração a um grupo de jovens da comunidade. Nela estão residindo até o momento Pẽpkràti (Zeca) e sua esposa kupẽ, jovens "casadinhos" da turma do Maranhão (kỳikatêjê) e alguns kupẽ e tembé que já ali residiam ocupando-se da granja. Diz-se (não visitei ainda o 25) que um sobrinho mestiço do chefe, agrônomo, que se casou com a ex-mulher de um de seus filhos também veio ali residir. O momento é de certa tensão na comunidade, pois houve um desentendimento entre o Chefe e Pẽpkràti, o Secretário da Associação, entre quem havia uma forte relação de amizade e confiança. Por enquanto, tanto Mamãe Grande, como Paiare e Hàrxáre (Matias), mãe e irmãos de Zeca — a turma de Tucuruí –assim como todos os velhos kỳikatêjê continuam na aldeia de Krôhôkrenhu⊕m, mas a informação e de ser o chefe um kyikatêjê mais velho, Kykyire, que mora ainda no Trinta e o vice-chefe o jovem Kuwexêre.

2. GÊNESE DA ESCOLA NA COMUNIDADE

Na aldeia, desde 1974 foi instalada uma "Escola" da FUNAI para as crianças e jovens, à época tendo como professora a esposa do Chefe de Posto. Desde então funcionou essa escola de primeira a quarta série, com professoras da FUNAI. Em 1989, Krôhôkrenhũm solicitou a instalação de uma escola de 5ª. a 8ª. série na aldeia, para evitar a saída dos jovens, que já estavam indo estudar em Marabá, inclusive sua filha mais velha. Do segun-

do semestre desse ano até junho do ano seguinte houve discussão mensal com os jovens candidatos a esse curso, coordenadas por mim e por Iara Ferraz, em reuniões "de pátio". Desenvolveu-se a reflexão do por quê e como essa escola deveria ser instalada na aldeia, desde o conteúdo até a confecção dos móveis, inspirada em uma "sala de aula" que Kruwa, um dos jovens mais velhos, que veio a se casar com a filha mais velha de Krôhô-krenhum, havia instalado no "acampamento", onde os velhos se reúnem para jogar flecha e estar à vontade. Havia quatro longas mesas, com bancos de um e outro lado, o que propiciava a organização tradicional de formação de grupos com um "chefe" e do trabalho conjunto, pois enquanto para nós a resolução de um exercício sozinho é valorizada, na visão parkatêjê tudo o que se faz sozinho é errado, sempre se trabalha com um companheiro.

Alguns depoimentos exemplificam o pensamento dos jovens a respeito da instalação da Escola:

Questão: Por que tem de ter matéria de kupẽ e de parkatêjê?

Jõkũmti (Nego): Cada dia que passa vai mudando as coisas...

Miriti: A gente está esquecendo o parkatêjê, mas tá procurando lembrar; se a gente só estudar parkatêjê, lá na frente vai ser enganado pelo branco, então é preciso conhecer [o português e demais disciplinas] para se defender e se organizar.

Iracema: Precisava ter aula de parkatêjê todo dia na aula.

Kruwa: Não é preciso ter aula todo dia, é preciso alunos participarem da comunidade, como as conversas no pátio.

Esse Projeto de Educação foi criado em convênio da CVRD com a Comunidade e a Secretaria de Educação do Estado e previsto para um período de cinco anos (1990 a 1994). Assim foi feito e, sob minha coordenação e a assessoria pedagógica de Marineusa Gazzetta (UNICAMP), assessoria técnica de Marina Nascimento (SEDUC-PA) e assessoramento antropológico de Iara Ferraz (Consultora da comunidade junto à CVRD), a Escola de 5ª a 8ª série funcionou, tendo duas equipes docentes: a primeira constituída com profissionais de Marabá trabalhou durante o primeiro ano letivo, mas não se coadunando com o espírito do Projeto, retirou-se ao final do ano; constituímos uma segunda equipe, com profissionais de Belém, que lá permaneceram durante os restantes quatro anos.

Apresento a vocês alguns momentos dessa Escola, para dar-lhes uma idéia do tipo do trabalho ali desenvolvido nesse Projeto, do qual resultou o livro CONHECENDO NOSSO POVO.

1 – Anotações na lousa em reunião de fevereiro/1993 (transcrição):

2 – Alunos desenham em grupo:

3 – Desenho produzido em aula sobre meio ambiente e ecologia. Está duas vezes identificada a palmeira da bacaba **kapêr pàr** (foto):

4 e 5 – História em quadrinhos feita na aula de Educação Artística, em 1990 (desenho):

6 – Crianças assistem no pátio da aldeia vídeo sobre uma festa do Ciclo Ritual (Tep):

Seguindo o procedimento tradicional, o projeto, para o chefe, tinha o caráter experimental. Nesse período, por exemplo, a escola se chamou ESCOLA INDÍGENA PARKATÊJÊ e o comportamento dos professores e alunos era objeto de observação dos velhos.

3. O PROJETO DE EDUCAÇÃO

Ao longo dos cinco anos houve desistências e uma das queixas dos alunos então era justamente o caráter diferenciado da proposta pedagógica — os alunos conheciam a escola tradicional, onde o professor "dita pontos" ou os transcreve no quadro e o aluno copia no caderno e decora tudo para a prova. Ali eles tinham aulas de sala e aulas de campo, interagiam ativamente com os velhos e dispunham de três "Conselheiros", velhos que acompanhavam as aulas e aconselhavam nos trabalhos.

Durante os quatro anos, havia reunião de avaliação no campo, junto dos velhos e a avaliação anual seguia o critério de "mpei" ou "kahàkàre", isto é "está bom" ou "não presta", pois tradicionalmente não há meio termo, ou se faz bem o trabalho ou ainda não se está preparado. Como explicava um conselheiro, se faz um cesto a gente olha e vê se pode casar.

A partir do segundo ano letivo, durante os Cursos de Capacitação (um em cada semestre), foi planejado e organizado um livro, que se definiu como "obra de referência", no sentido de ser um livro que propiciasse tanto a expressão oral quanto a escrita e tanto a língua tradicional como a portuguesa. Para isso tem seqüências fotográficas de atividades tradicionais e textos em português e em parkatêjê, sendo o único texto nas duas línguas aquele do mito de origem, a história de Pyt e Kaxêre (Sol e Lua).

Um exemplar está aqui, para quem queira manuseá-lo, mas as próximas transparências dão idéia de seu formato.

10 a 12 – Aspectos da construção da **aikrepoti,** casa tradicional, levantada atrás da sala onde funcionava a escola, para propiciar um espaço

mais ventilado para as aulas, assim como mostrar para os alunos como se trabalhava antigamente[3].Todo esse trabalho executado por professores e alunos e supervisionado pelos conselheiros, com destaque para Jõkôrenhum, o mais velho deles e homem carismático. Aí ele mostrou na prática sua concepção pedagógica "O professor é aquele que mostra o rumo." "Quem quer aprender olha duro na boca de quem está falando."

O livro estava pronto e a assessora pedagógica empenhou-se em conseguir um financiamento para sua impressão, mas... a comunidade recusou. Não queriam mostrar-se, com medo de estarem dando lucro a alguém. Esse procedimento não é estranho, mas absolutamente normal no comportamento desse povo, que vive ao longo de sua história esse movimento de aproximação e recuo em direção ao branco, assim pode-se ouvir de Krôhôkrenhũm, que em 1956 entregou seis crianças, dentre as quais sua irmãzinha a famílias de Itupiranga, para que escapassem da morte, que considerava certa para seu povo: Katyi, eu pensei que kupẽ era gente, mas é tudo cachorro.

4. SEGUINDO O RUMO

Terminado o Projeto — que estava "experimentando" — no ano seguinte já solicitavam os parkatêjê a implantação definitiva da Escola na sede da aldeia e a publicação do livro. Em dezembro de 1997 o então Secretário de Estado de Educação João de Jesus Paes Loureiro foi até a aldeia para, diante de toda a comunidade, apresentar e entregar o livro. Finalmente através da Resolução do Conselho Estadual de Educação, de 18 de setembro de 1998 foi criada a Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Pẽptykre Parkatêjê, que atua de 1ª. a 8ª. série.

Não havia porém uma equipe docente para atuar ali, pois a equipe que ali ficara por quatro anos estava agora constituindo a Seção de Educação Indígena da SEDUC/PA. De fato só no segundo semestre de 2000 foi possível pôr três professores, para a quinta à oitava série, dois contratados para a Escola e um ainda em estado de pendência, pois sendo do quadro de outra Secretaria, de onde está licenciado, até agora não foi cedido para a SEDUC. O professor, que elabora sua Tese de Doutorado continua trabalhando em função de seu interesse e pelo compromisso que reconhece ter em função da acolhida afetuosa e interessada que teve por parte da comunidade, permitindo-lhe desenvolver seu trabalho acadêmico.

---

[3] Por economia de espaço, apresentamos aqui a fase inicial, de limpeza do terreno, um aspecto da casa já levantada e a mostra dos dois tipos de comida feitos para a festa de conclusão do trabalho: o kuputi, comida tradicional e o churrasco, do kupẽ.

Os parkatêjê vivem agora outro momento: dispõem-se a mostrar-se: velhos e alguns "casadinhos" estão gravando canções para fazer um CD, cobram o dicionário, no qual trabalho a partir do Vocabulário feito para a Tese, querem contar histórias e gravar... Mesmo os velhos kỳikatêjê que antes se recusavam, agora pedem para contar do seu jeito as histórias.

5. ASSUMINDO DECISÕES

Quando se encerrou o Projeto de 5ª. a 8ª, punha-se a discussão do "prosseguimento". Mas de um lado, nós víamos como problemático pôr uma equipe maior do que a que lá estava (cinco pessoas) para dar as disciplinas do segundo grau e de outro o chefe estava decepcionado pelo grande abandono da escola pelos alunos (apenas oito concluíram a 8ª. série). Na safra de 1995/1996, o chefe liberou a castanha para quem quisesse coletar e vender individualmente. Atomti, um dos alunos mais interessados e aplicados, trabalhou, comprou uma bicicleta e à revelia da ordem do chefe de que deveriam esperar para ver como continuar os estudos, começou a pedalar todas as noites até o Km 40, para fazer o Curso de Magistério. No último ano já ia, com vários outros que resolveram seguir seu exemplo, no caminhão da comunidade, liberado por Krôhõkrenhũm.

Esse jovem tomou a si o encargo de fazer funcionar a Escola de 1ª. a 4ª. série, que teve dois professores kupẽ, indicados e orientados pela FUNAI, enquanto não saiu a Resolução do Conselho Estadual de Educação e mesmo depois dela, até o ano passado. No início deste ano as duas professoras que ali atuavam foram mandadas embora, segundo voz corrente, em virtude de comportamento inadequado segundo os padrões da comunidade. Então os jovens, sempre liderados por Atomti, resolveram assumir as aulas, distribuindo entre si as disciplinas, como se dá da 5ª. à 8ª. série, segundo suas preferências pessoais. Ao mesmo tempo solicitaram da SEDUC a contratação desses membros da comunidade como professores de 1ª. a 4ª.

Não é questão aqui de falar e discutir todas as implicações dessa decisão, mesmo porque não há distanciamento suficiente para fazê-lo neste momento. Vejo porém um ponto positivo: a experiência lhes está confirmando algo que já era discutido durante o Projeto de Educação do qual três dos quatro atuais professores foram alunos: é preciso que eles se formem para o trabalho pedagógico, pois só eles enquanto membros da comunidade têm um compromisso de vida com o seu povo. O branco, por mais amigo que seja, tem suas raízes fora de lá e por mais tempo que lá permaneça e por mais forte que seja seu compromisso, um dia vai embora.

Por outro lado, não há como negar que a Escola formal é uma instituição da sociedade kupẽ e por mais adaptada em termos de conteúdo e de metodologia, a Escola na aldeia esbarra com exigências, na medida em que trabalha em conexão com o mundo de fora e eles também querem o acesso a esse mundo.

Parece-me que o fundamental na Escola formal na aldeia é que ela reivindique o princípio de trabalhar sempre a partir da realidade local, expandindo para o universal e isso mesmo quando "engabelados" pela nossa sociedade consumista e oportunista, os membros da comunidade sentem-se tentados a voltar as costas para os valores e conhecimentos tradicionais. Há que "mostrar o rumo" e trabalhar segundo o modelo tradicional deles: Ver, Pensar, Experimentar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arnaud, Expedito. **Os índios gaviões do oeste;** pacificação e integração. Belém/PA, Publicação avulsa do MPEG, 1975.

Moura, Ignácio Baptista de. **De Belém a São João do Araguaia**; Valle do Tocantins. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1910

Paternostro, Júlio. **Viagem ao Tocantins.** São Paulo, Cia Editora Nacional, 1945

REUNIÃO – JOVENS PARKATÊJÊ – 06-02-93

1 – Como respeitar os mais velhos da Comunidade?

a) Observando, participando, colaborando e respeitando as brincadeiras do Parkatêjê e nao inventar brincadeiras do kupe quando os parkatêjê estiverem praticando atividades na roça, caçando ou brincando tradicionalmente.

b) Conhecendo a comunidade e nossos costumes, respeitando a cultura, as brincadeiras e tradições:
- Acompanhando os mais velhos,respeitando e cumprindo as decisões do nosso cacique (Capitão);
- Entendendo os mais velhos, mesmo nos seus momentos de raiva, ouvindo seus conselhos;
- Aprendendo e praticando o que os velhos sabem, o respeito pelos parentes, histórias do passado, praticando o diálogo na lingua parkatêjê (entre os jovens e com os mais velhos);

- Lembrar sempre das decisões tomadas nos Conselhos: dos velhos e dos Jovens.

c) Nos momentos de festa, as meninas devem fazer o berarubu, pintar o corpo e cortar seus cabelos e o dos homens, conforme a tradição parkatêjê.

- Devem dancar atrás dos pare ntes e na frente do cantador.
- Devem banhar os homens após as corridas de tora.
- Devem levar kukrẽ aos homens no jogo de flecha e quando estiverem reunidos.

d) Usando as palavras formais da língua parkatêjê: kêti, katyi e outros (sic).

e) Discutindo sempre a situação da Comunidade entre os jovens e os jovens com os velhos.

GRUPOS

TONINHO	ALACID
SUGESTÕES	SUGESTÕES
Conhecendo a comunidade e os nossos costumes	Tendo consideração pelos mais velhos.
Participando das brincadeiras.	Observando qualquer brincadeira.
Ajudando os mais velhos nos trabalhos e em qualquer coisa que eles precisem.	Ouvir e aprender parkatêjê.
Estar sempre acompanhando os mais velhos.	Estar reunidos presentes com eles.
	Respeitar as brincadeiras.
	Não inventar outras brincadeiras quando os mais velhos estiverem no mato.
	Cumprir com todos os mandamentos que o Capitao impuser.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org